PORTO
PROJECTO VALORIZAÇÃO
DO ESPAÇO E DO COMÉRCIO TRADICIONAL
ATRAVÉS DA MEMÓRIA
HISTÓRIA DE VIDA DE
ANTÓNIO CARLOS MAGALHÃES
MARQUES DE OLIVEIRA
Registada em 29/09/2009 por
ANA CRUZ E JENNY CAMPOS

FICHA TÉCNICA

Editor:
TRENMO Engenharia S.A.
Sítios e Memórias

Fotografia:
Armando Afonso

Coordenação:
Jenny Campos
Liliana Monteiro

Revisão:
Jenny Campos
Liliana Monteiro

Editores:
Ana Cruz
Cláudia Simões
Jenny Campos
Joana Ribeiro
Liliana Monteiro
Marlene Andrade
Susana Pires

ÍNDICE

05 Mini Biografia

05 Ascendência: Os meus pais são do Porto

05 Educação: Tive um período de doença e quando melhorei fui trabalhar

06 Casamento: Os meus filhos são sócios da loja

06 Percurso profissional: *"Estou ligado à ourivesaria desde pequeno"*

08 Quotidiano: Abrimos as 9h30 e esperamos pelos clientes

08 Lugar: *"O movimento era grande"*

08 Rua: Eu nasci na Rua das Flores e vivi nela até hoje
Para comprar ouro era na Rua das Flores

11 Animação: *"Nunca houve muita animação de rua"*

12 Loja: Eduardo Carneiro e Companhia embora nenhum de nós se chame Carneiro

14 Clientes: Temos de acarinhar o cliente nacional

15 Avaliação: Futuro promissor

ANTÓNIO CARLOS MAGALHÃES MARQUES DE OLIVEIRA

António Carlos Oliveira (Porto, 2009) - Fotografia: Armando Afonso

Mini Biografia

António Carlos Magalhães Marques de Oliveira nasceu a 20 de Abril de 1930, na casa onde fica a Ourivesaria Carneiro.
Os pais chamavam-se Maria Josefina e António Marques de Oliveira. "*A minha mãe era doméstica, o meu pai trabalhava aqui na ourivesaria.*"
Desde criança que está ligado à Ourivesaria Carneiro, tendo sido esse o seu primeiro e único emprego. Hoje com 80 anos recorda os momentos de animação da rua "*houve pelo S. João, dois ou três anos em que se pôs arcos, pôs-se festões.*"

Ascendência

Os meus pais são do Porto

A minha mãe chama-se Maria Josefina, o meu pai António Marques de Oliveira. A minha mãe era do Porto, o meu pai também. A minha mãe era doméstica, o meu pai trabalhava aqui na ourivesaria. Eu não tenho irmãos, sou filho único. O meu pai tinha um vício que me pegou desde pequeno, que era o futebol. Nós passávamos os Domingos a ver futebol, eu e ele. De resto, passeios pela Foz, as férias em Espinho, era assim a vida.

Educação

Tive um período de doença e quando melhorei fui trabalhar

Andei na Escola Académica do Porto até ao sexto ano do liceu, até aos 16 anos. Tive um período de doença e quando melhorei decidi ficar aqui a trabalhar. A vida na Escola Académica foi uma coisa que me marcou, gente boa, desde os professores, aos directores, aos colegas. Foram desaparecendo todos de resto, a vida normal, numa paz. Nada de extraordinário.

Casamento

Os meus filhos são sócios da loja

A minha esposa é de Famalicão mas já de solteira vivia cá no Porto. Ela foi funcionária pública e depois quando nasceram os filhos deixou de trabalhar. O rapaz é engenheiro trabalha numa empresa em Gaia, a rapariga é professora do ensino secundário, professora de geografia e são sócios da loja.

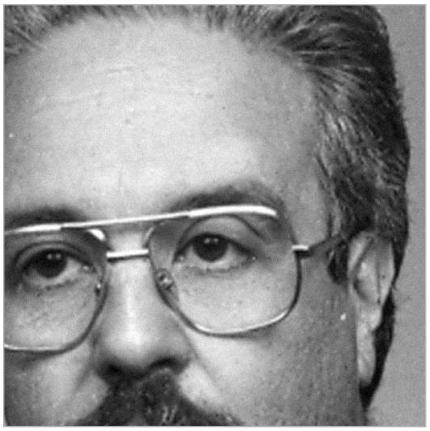
Percurso profissional

"Estou ligado à ourivesaria desde pequeno"

Estou ligado à ourivesaria desde pequeno, desde sempre, o meu primeiro emprego foi na ourivesaria. Eu era o filho do dono da casa, recebia mais uma gratificação do que ordenado. Eram 200 escudos, salvo erro e fazia-se tanta coisa, equiparar esses 200 escudos dessa época para agora, era pelo menos aí uns 300 euros, pelo menos. Era isso.

Eu tive uma primeira infecção aos 12 anos e portanto tive aquela quebra nos estudos mas não estava com vontade de continuar a estudar e vi aqui a solução para a minha vida. De mais a mais, eu, mesmo nas férias, estava aqui na ourivesaria a ajudar muitas vezes. Portanto já estava integrado, foi só uma continuidade.

Eu gosto muito de ver obras, há uma obra qualquer, eu tenho que ir ver. Se pudesse, de princípio, gostaria muito de arquitectura mas nunca pensei nisso. Acho que agora não mudava de profissão.



Carlos Oliveira com cerca de 28 anos

Interior da Ourivesaria Eduardo Carneiro (Porto, 2009) - Fotografia: Armando Afonso

Quotidiano

Abrimos as 9h30 e esperamos pelos clientes

Abrimos às 9h30, entrada do pessoal, arrumar e limpar a casa e depois esperar que venham os clientes. Com muita calma e muita paciência porque são poucos.

Lugar

"O movimento era grande"

Toda a minha vida foi aqui. O movimento era grande, havia lá para baixo a Alfândega, havia a Bolsa, havia muitas companhias de seguros, tudo isso movimentava. Essas companhias de seguros e a Alfândega, foram acabando, ou saindo de lá de baixo. Foi uma das coisas que matou o movimento da rua. Havia também a via fluvial. A cidade era abastecida, legumes e essas coisas todas, com o que vinha nos barcos e na Ribeira aquilo era um mercado enorme. Os barcos vinham, desembarcavam na Ribeira com os seus produtos e depois eram transportados em carros de bois. Fazia pena ver os carros de bois a subir a rua Trindade Coelho! Os bichos ajoelhavam, os homens a empurrar os carros, era fantástico. Na época era assim.
Antigamente queria-se qualquer peça de ferro, parafuso, era na Rua do Almada, agora está disperso. Até os principais saíram. O problema do estacionamento, não podem estacionar ali e tal, fugiram para zonas mais fáceis de estacionar. Antigamente aqui nos Lóios era uma zona em que era quase tudo sapatarias, agora parece que não há nenhuma, ou há só uma de sapatos de criança, mas os Lóios tinha sapatarias magníficas. A Avenida dos Aliados tinha uns cafés grandes, com música. No Monumental tinha uma orquestra, o Guarany também tinha uma orquestra, mas era uma zona de convivência. Antigamente não se andava de automóvel. O automóvel era para ir para certos pontos. Era a pé que se fazia as deslocações ou de eléctrico e os eléctricos acabavam todos aqui na praça. Todo o término dos eléctricos era aqui na praça. A estação agora tem meia dúzia de linhas aqui para o Porto, antigamente todos os comboios vinham para aqui.

Rua

Eu nasci na Rua das Flores e vivi nela até hoje

Se me lembro da Rua das Flores...eu nasci nela, vivi nela até hoje. Há 80 anos que eu estou na Rua das Flores. É muito diferente, a rua deste lado eram praticamente só ourives, chegou a haver 20 e tal ourivesarias aqui na rua.
Quase todas estas casas tinham habitação, os proprietários dos estabelecimentos normalmente,

viviam por cima. Agora aqui neste quarteirão só vivo eu. Ainda vivo nesta casa eu e a minha mulher. Aqui vivia uma classe burguesa. Não havia brincadeiras na rua. Os vizinhos davam-se bem mas não havia brincadeira.

Comemorações do S. João na Rua das Flores, em 1948.

O primeiro nome da rua foi Santa Catarina das Flores, depois perdeu a Catarina e ficaram só as Flores. As memórias que me restam mais da Mouzinho da Silveira era quando o eléctrico subia

a rua. O primeiro eléctrico acordava-nos sempre, vinha por aí acima a fazer um barulho, era o 1. De resto foi sempre uma rua muito movimentada também. A doença da Rua das Flores e da Mouzinho da Silveira são pares. O comércio está mesmo muito por baixo presentemente porque não tem movimento. O encerramento da Alfandega também influiu, veja-se quantos empregados havia lá na Alfândega, quantas pessoas tinham que ir à Alfândega para tratar dos assuntos e o caminho era a Rua das Flores. Havia o Banco de Portugal lá em baixo para S. Domingos, as grandes companhias de seguros. Agora está-se a modificar o estabelecimento, o prédio da Companhia de Seguros Douro, agora vai ser Casa das Artes. Mas eram imensas pessoas que tinham de obrigatoriamente passar por aqui para ir para essas empresas que saíram daqui.
Uma das coisas que era preciso, era transformar estes passeios cheios de covas e buracos, em passeios, que o transeunte se sentisse bem. É uma floresta de sinais de trânsito. Uma pessoa quer passar e não têm possibilidade, arrisca-se a cair porque os passeios estão horríveis. Eu bem sei que estar a pedir agora para fazer obras nos passeios, aqui na rua, é uma tolice porque aquelas obras nas Cardosas, vão ainda pôr pior a rua e tudo mais com os camiões a passar e essa coisa toda. Mas acabando aquelas obras, que é uma coisa muito boa que estão a fazer parece-me que é uma coisa de futuro, é necessário tratar da via, do estado da via e dos passeios. Estar a pedir agora é quase deitar dinheiro fora. Vai-se pôr aquilo direito e passa um camião, lá vai tudo.

Para comprar ouro era na Rua das Flores

Antigamente tínhamos um cliente fixo, cliente da casa, que nos procurava ou procurava os outros colegas, comercialmente era muito melhor termos aqui a zona das ourivesarias do que estar todas espalhadas, porque quem queria qualquer peça de ouro, já sabia, era na Rua das Flores. Agora está tudo disperso.
Houve uma dispersão dos estabelecimentos por toda a área da cidade e muito principalmente pelos arredores. Antigamente nós tínhamos imensos clientes de Santo Tirso e toda aquela zona, Paredes. Agora nós vamos a Santo Tirso e a Paredes vemos ourivesarias tão boas ou melhores que aqui no Porto. Portanto, o cliente deixou de ter a necessidade de vir aqui ao Porto para comprar determinados objectos. É a lei da vida. Portanto, antigamente havia aquela ideia do lavrador:
- "Vamos comprar ouro ao Porto."

Animação

"Nunca houve muita animação de rua"

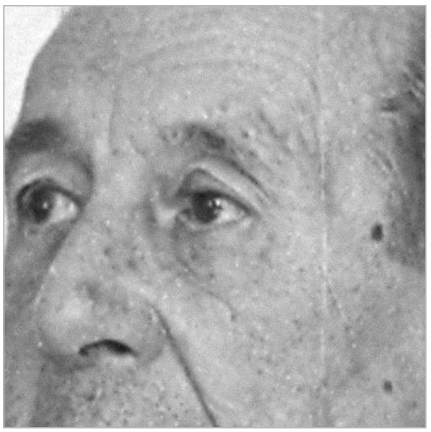
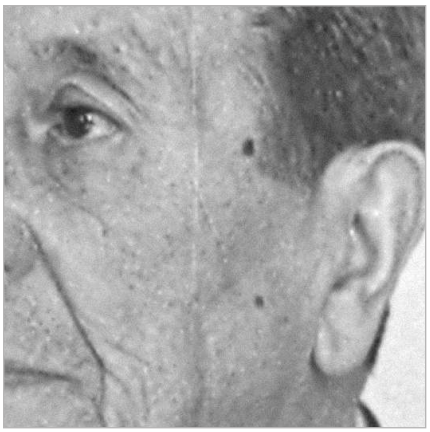
Aqui nunca houve muita animação de rua. Houve pelo S. João, dois ou três anos em que se pôs

arcos, pôs-se festões. Um ano vieram os pauliteiros de Miranda que animaram aqui a rua e tal mas, não se tem feito muita coisa.
Gostaria por exemplo se pudéssemos por uma orquestra a tocar numa qualquer parte aqui. Por exemplo, ali em cima, onde não passam carros. Uma exposição de pintura, arranjar um salão que chamasse. Há uma coisa que eu vi, que vai haver um Museu de Marionetes lá ao fundo da rua. Vão fazer uma inauguração disso com pompa e circunstância, para chamar. Tem-se feito tão pouca coisa, o que era preciso talvez era procurar uma segurança. Há pessoas que têm um bocado de receio de vir à Rua das Flores. Isto de dia não vejo problema mas, à noite não, é horrível. Se pudéssemos arranjar uma maneira das pessoas se sentirem mais seguras mas isso é com as autoridades não é connosco.

Loja

Eduardo Carneiro e Companhia embora nenhum de nós se chame Carneiro

A firma é Eduardo Carneiro e Companhia Limitada, mais conhecida por ourivesaria Carneiro, na Rua das Flores, número 225. Quando o meu pai faleceu, era preciso legalizar a firma, porque era Eduardo Carneiro e Companhia, então entraram os meus filhos para a firma. O nome da firma é Eduardo Carneiro pode fazer confusão porque nenhum de nós se chama Carneiro, mas esta firma foi fundada por um senhor, José Alves Carneiro que passado uns anos passou a um irmão, Eduardo Alves Carneiro. Daí é que vem o nome da firma Eduardo Alves Carneiro. Isto em 1918/20. Em 1950 o senhor Carneiro era já um senhor de 80 anos saiu da firma e entrei eu e o meu pai, mas conservámos o nome Eduardo Carneiro em sua homenagem.

António Oliveira antigo proprietário da Ourivesaria com cerca de 80 anos

Fachada do estabelecimento comercial, com o antigo proprietário à porta (António Oliveira), cerca de 1960

Acho que não mudava nada no estabelecimento, eu gosto dele. Já mudei muito, a casa tem umas características de uma época e acho que devemos mantê-la. Na frontaria, aquelas colunas em ferro fundido, isso marca a casa e acho que devemos continuar.

Clientes

Temos de acarinhar o cliente nacional

Há pouca movimentação na rua. A ourivesaria não é uma necessidade, são clientes que nos procuram mas está tudo em decréscimo. O turismo é só em certas épocas do ano, portanto o nosso cliente que temos que acarinhar é o actual, o nacional. O turista vem quando vem, mas o movimento maior, agora são os turistas, que procuram muito as filigranas, o trabalho manual. A ourivesaria era um trabalho todo manual. Hoje já não, já há muita máquina no meio. Na época do turismo aumenta sempre um bocadinho o movimento e depois é o Natal.

Ultimamente, com esta crise que está, o Natal quase não se nota, mas antigamente notava-se muito. O Natal era uma época muito boa. As comunhões estão agora em declínio, acho que a festa da comunhão quase que passa despercebida. O casamento também. No casamento há sempre uma peça, ou outra, que o cliente quer dar, mas as comunhões não.

Vêm muitos senhores, mas normalmente vêm primeiro as senhoras, escolhem, vêem e depois vem o casal para efectuar a compra. Normalmente funciona assim. Só se é uma prenda que o cavalheiro quer dar e então é que ele vem sozinho. Normalmente o homem quando vem fazer uma compra para oferecer à esposa já vem com a ideia do objecto que quer, deve ter conversado a ver o que ela quer e pede aquela peça. Não quer dizer que às vezes, nós, com a conversa, mudemos a ideia e leve outra mas normalmente já têm definido o que querem. As senhoras são um bocadinho mais com a ideia mais fixa do que querem. O homem vem naquela dúvida, ela gostará, não gostará, porque normalmente o homem nunca compra para ele. Agora a senhora já sabe o que quer.

Cada vez tenho menos clientes de longa data, aquelas famílias que nos procuravam, os mais velhos, faleceram, os mais novos não gostam muito do nosso estilo, gostam mais das grandes superfícies, mas ainda há um ou outro que ainda nos procura com assiduidade. Antigamente houve tempos de muito trabalho mas, também houve uma ou duas crises muito grandes, 1940 e tal e depois houve uma crise de muito trabalho que foi o volfrâmio. Vinham os volframistas por aí abaixo e compravam tudo e qualquer coisa. Os anos 60 foram bons, depois foi época boa, época má, não houve continuidade. Era uma maneira diferente de negociar porque antigamente havia muito cliente, a empregada doméstica e havia o marralhanço. Um par de brincos custava

"x" e o ciente queria por menos, nós não vendíamos, depois ele saía e tornava a entrar. Às vezes, era uma manhã inteira para vender um par de brincos, entrava, saía. Entravam, viam uns brincos, por exemplo, para dar à afilhada, depois ofereciam menos do que o que estava na etiqueta, nós dizíamos que não, eles saíam, iam para outras casas depois ao fim e ao cabo, às vezes, voltavam. Agora o espírito já é outro, os preços estão marcados e é aquilo.

Avaliação

Futuro promissor

Tudo o que vocês puderem fazer para valorizar o comércio tradicional, para valorizar a zona antiga da cidade é óptimo. Agora digo-vos uma coisa, têm que ter muita coragem, a coisa não vai nascer de um momento para o outro. Vão ter alguns revezes, mas têm que olhar em frente e procurar que todos trabalhem com vocês.

A nossa firma é uma das mais antigas da Rua das Flores... Esta rua tem um passado esplendoroso, um presente difícil mas, esperamos que o futuro seja mais promissor resultante das obras de reabilitação em curso.

António Carlos Oliveira (Porto, 2009) - Fotografia: Armando Afonso

MOUZINHO FLORES
ruas vivas, comércio vivo

SÍTIOS E MEMÓRIAS

TR EN MO

UNIÃO EUROPEIA
Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional

QREN QUADRO DE REFERÊNCIA ESTRATÉGICO NACIONAL
PORTUGAL 2007.2013

ON.2 O NOVO NORTE
PROGRAMA OPERACIONAL REGIONAL DO NORTE